

Acredito no determinismo ao passo que creio em um rumo pré-determinado para cada unidade do Todo. Lido também com uma visão puramente tangível da vida, pensando que mesmo as características espirituais dos seres vivos são meras partículas; e que, portanto, estão sujeitas a um futuro determinado. Sobretudo, ao refletir sobre o assunto, chego a uma pergunta: seria o determinismo uma ameaça ao meu livre-arbítrio? Noto todos os dias que eu tenho impulsos, que me motivam a raciocinar e a agir, mas porque teria-os se meu futuro já está definido?

Para responder essa pergunta e justificar minhas crenças irei analisar qual é o impulso primordial dos seres vivos (I), depois farei uma análise do objetivo principal da sociedade e como ele se relaciona com o instinto de sobrevivência (II) e, por fim, concluir (III). Sempre, é claro, fazendo relação com o determinismo.

I.

O maior impulso de todos os seres vivos, desde os menores e mais simples microrganismos aos complexos humanos, é a sua própria sobrevivência ou a de sua espécie. Um dos mecanismos utilizados para a sobrevivência é o da previsão. Por exemplo, um elefante que vive perto de uma zona de risco de tsunamis e que possui uma maior sensibilidade ao movimento do solo saberá quando o perigo for iminente e, por causa disso, terá uma vantagem maior de sobrevivência do que seus pares ou poderá ele informá-los. Em suma, tal elefante possui as habilidades para uma melhor adaptação ao ambiente; e, parafraseando Darwin, os seres que mais sobrevivem não são os mais fortes, os mais rápidos ou os mais inteligentes, mas os que melhor se adaptam.

Note que a adaptabilidade baseia-se na previsibilidade do ambiente, e que, assim sendo, o futuro das coisas segue determinada lógica.

II.

A humanidade visa multiplicar-se e expandir-se, pois o aumento da população garante maiores chances de sobrevivência (desde que os humanos não tenham que competir por recursos, é claro). A expansão, assim como a adaptabilidade, exige o conhecimento do arredor e, por isso, buscamos conhecê-lo; a curiosidade é inata dos seres biológicos.

Em uma análise mais histórica, o conhecimento foi, na maioria das vezes, dividido e registrado em forma de leis, esse ainda é o caso. Elas definem que relações de equivalência, causalidade etc. são sempre válidas dadas certas situações para certas coisas. Como por exemplo: se a temperatura da água for “x” em uma certa pressão “y” ela se comporta de maneira “z”. Veja, que ao organizar o conhecimento assim, nós consideramos que as unidades do Todo tem um comportamento determinado.

Perceba, também, que a busca pelo conhecimento pressupõe o desconhecimento, e, portanto, nenhum de nós há de saber tudo. Aliás, para todos os fins, o conhecimento que alguém tem sobre o Todo não poderia ser completo, uma vez que lidando, como dito no início, com uma visão física da mente, cada partícula dela equivaleria, na melhor das hipóteses, a outra do Todo, estabelecendo assim em uma relação de um para um com ele; logo, como um Todo caberia dentro de outro? Por outro lado, se na mente de certo indivíduo uma partícula representasse um conjunto de outras exteriores, seu conhecimento seria bom, mas limitado a uma generalização.

III.

Certamente, a conjuntura da nossa sociedade e conseqüentemente do nosso ambiente não seriam iguais sem nossas vontades. Mesmo dentro de uma suposta concepção determinista nossas escolhas inegavelmente afetam o andamento do Todo. Como nosso livre-arbítrio se explicaria, então? Tenho uma tese para o impasse, que retoma e se encaixa com as ideias anteriormente citadas:

Somos pequenos e breves mecanismos do Todo para que seu plano seja exatamente cumprido. Algo como um código de computador, uma sequência de comandos definidos em um objeto - nossas mentes - com o intuito de, em determinadas situações, comportar-se de certa maneira e, em outras situações, de outra maneira; por isso organizamos o conhecimento daquela forma: essa é nossa própria natureza!

Tal mecanismo é eficiente, pois dessa maneira o Todo economiza matéria e energia, um mesmo ente pode ter múltiplas funções; por exemplo, extrapolando um pouco o bom senso, mas seguindo a lógica, caso fosse determinado que dois planetas explodissem não precisaria-se de dois grandes asteróides com rotas e origens diferentes, eu mesmo com uma espaçonave bem equipada cumpriria o “destino” de ambos e de muito mais outros. Em resumo, nossos raciocínios nada mais são do que um momento para nossas mentes definirem o comportamento que irão tomar de qualquer forma, visto que nosso raciocínio é assim tão bem definido e previsível. Nosso impulsos são estímulos para garantir que o futuro determinado se cumpra. Como dito anteriormente, sem impulso, nós não cumpriríamos nosso papel.

Além disso, para garantir que sejamos eficientes e que não interrompemos nosso papel, é preciso que sobrevivamos por conta própria; por isso o instinto de sobrevivência e a curiosidade inata. Obviamente nosso papel no Todo é pequeno; na realidade, eu não sou capaz de explodir planetas.

Em suma, se considerarmos o livre arbítrio como sendo o sentimento de liberdade de tomar qualquer decisão, ele é um sentimento falso em partes. Todos nós temos papéis diferentes na sociedade, e no Todo também temos. Nosso sentimento de liberdade é majoritariamente fruto da percepção de que cada um de nós toma decisões diferentes e de forma independente das dos outros; isso de fato é real. Porém, no mais íntimo de nossa mente, somos previsíveis e temos conhecimentos e habilidades limitados.